

Mídia e a repercussão da violência contra os haitianos no Brasil

Media and the repercussion of violence against Haitians in Brazil

Cristóvão ALMEIDA¹
Vitória SANT'ANA²

Resumo

Neste trabalho, a proposta de reflexão se dá a partir da análise da narrativa de reportagens midiáticas sobre as violências sofridas pelos imigrantes haitianos que vivem em solo brasileiro, e a sua repercussão. Metodologicamente, utilizamos os acontecimentos de violência racial e xenofóbica registrado na reportagem veiculada no jornal online de Cuiabá/MT, de 21 de março de 2017, como forma de verificar a construção da narrativa. E, para entendermos este discurso, coletamos entrevistas com haitianos sobre atos sofridos por eles. Evidenciamos que o jornal faz uso de uma narrativa que reforça uma ideia negativa na luta pela sobrevivência dos haitianos, deixando de lado questões visam as transformações da vida e do viver.

Palavras-chave: Haitianos. Mídia. Violência.

Abstract

In this work, the proposal of reflexion is given from the analysis of the narrative of media reports about the violence suffered by the Haitians immigrants who live in Brazilians lands, and the repercussion. Methodologically, we used the racial violence and xenophobic events recorded in the online newspaper report of Cuiabá/MS, from March 21st of 2017, as a way to verify the narrative construction, And, to understand this speech, we collected interviews with Haitians about the act suffered by them. We evidenced that the online newspaper makes use of a narrative that reinforces a negative idea about the Haitians' fight for survival, leaving aside questions that aim live and life's transformation.

Keywords: Haitians. Media. Violence.

¹ Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM/SP. Doutor em comunicação e informação pela UFRGS. E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

² Graduanda de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: vivitoriyala@gmail.com

Introdução

Caracterizado pela miscigenação de diferentes raças e povos, o Brasil tem em sua trajetória vários movimentos migratórios, recebendo ao longo do tempo, milhões de imigrantes. Durante o ano de 2010, quando ocorreu o terremoto no Haiti, ocasionando, aproximadamente, 336.000 mortes, 350.000 feridos e mais de 1,5 milhão de desabrigados, o Brasil passou a receber um intenso fluxo de imigrantes haitianos, configurando, assim, uma nova realidade no contexto de migração no país, tanto no aspecto sociocultural, econômico, político e até mesmo nas abordagens midiáticas.

Porém, esse cenário de êxodo haitiano não é recente. A sua constituição histórica é de deslocamento, por isso, estima-se que existem mais de quatro milhões de haitianos, especialmente nos EUA, Canadá, França, Cuba e República Dominicana (HANDERSON, 2015).

Não existe um único motivo para esse fluxo migratório de haitianos e sua origem pode ser configurada em múltiplos fatores, tais como política externa, no caso de guerras, desastres ambientais, perseguições políticas, vulnerabilidade e instabilidade social, que os levaram a deixar seu país de origem.

Com a expansão do fluxo migratório, amplia-se também as notícias sobre os haitianos na mídia brasileira e a partir dessas reportagens, constrói-se um imaginário de que são ‘invasores’ que ‘chegaram para tomar emprego de brasileiros’. E, vez ou outra, a mídia nacional informa casos de haitianos sofrendo atos de violência física. Neste artigo, analisaremos uma reportagem do jornal Olhar Direto, em versão digital, de março do ano de 2017, e relatos de entrevistas feitas com dois haitianos. Procurando identificar de que forma ocorre a construção da narrativa sobre a violência contra os imigrantes e a repercussão desses discursos nas vivências e experiências cotidianas dos mesmos.

Por fim, identificamos que os casos de discriminação racial e xenofóbica são frequentes em suas rotinas e há pouco espaço na mídia para temas como este. Quando é veiculado uma matéria sobre o assunto, a construção da narrativa não comenta sobre a história do imigrante, quem ele é e como veio parar no Brasil. Muitas matérias

veiculadas sobre o tema, trazem um discurso assistencialista, afetando em seu cotidiano, como podemos ver nos relatos da entrevista.

Mídia como mediação social

Foi durante a Guerra Fria, nos anos de 1945 a 1991, que os meios de comunicação alcançaram impulsivo crescimento, já que seu uso se tornou estratégico para as duas superpotências em conflito, Estados Unidos e União Soviética, e continuou desempenhando essa função no pós-Guerra. Thompson (2002, p. 25) caracteriza a comunicação como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos.

Ao falarmos da mídia, estamos nos referindo a um sistema com diversas modalidades de se comunicar que se integram, pois:

[...] a televisão, os jornais e o rádio funcionam como um sistema integrado, em que os jornais relatam o evento e elaboram análises, a televisão o digere e divulga ao grande público, e o rádio oferece a oportunidade de participação ao cidadão, além de abrir espaço a debates político-partidários direcionados sobre as questões levantadas pela televisão. (CASTELLS, 2000, p. 376)

A mídia é uma das maiores difusoras de informação e entretenimento que existe na sociedade atual, e pode ser considerada o quarto maior segmento econômico do mundo, o chamado quarto poder (AMORIM, 2015), ao lado dos três poderes vinculados ao Estado.

Por essa característica, a mídia cria uma organização social, a partir do momento em que tem o domínio da circulação de notícias e conteúdos que serão transmitidos à sociedade e, muitas vezes, hierarquizando informações. Fonseca (2011) explica que:

Dessa forma, a mídia, ao participar da esfera pública como “prestadora de serviços”, isto é, como entidades de “comunicação social”, teria uma função imprescindível nas democracias: informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados que, sem esse serviço, não teriam condição de conhecer outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas próximas. (FONSECA, 2011, p. 42.)

Sendo assim, sua força de manipulação pode atuar como uma espécie de censura de variados assuntos, resultando num conjunto de pessoas com opinião parcial sobre determinado assunto. Nesse caso, a mídia consegue, de certa forma, utilizar manobras estratégicas, unidirecionando sua mensagem para o receptor, limitando, diversas vezes, a informação. Guareschi (2004, p.34) afirma que “poderíamos argumentar que temos a possibilidade de discordar do que é dito e mesmo criticar o que chega até nós. Mas uma coisa não podemos fazer: é saber o que foi propositadamente ocultado, o não-dito, o silenciado”.

Steinberger (2005) fala sobre a produção do discurso jornalístico na geopolítica internacional, nas suas constatações existem considerações importantes sobre o discurso midiático como um todo, revelando um conjunto de coerções sociais, cognitivas, históricas, ideológicas e de produção textual, trabalhando no relato apresentado nas notícias.

Nos discursos jornalísticos, a produção de sentidos resulta, de imediato, de recortes que o profissional faz na substância da atualidade e de suas decisões na composição formal do texto (sonoro, visual, etc.). O efeito de sentido da noticiabilidade, no entanto, depende de alguns fatores sociais, como, por exemplo, a informação que é de interesse público, que é nova, que é atual, que apela aos sentidos, à curiosidade, etc. (STEINBERGER, 2005, p. 75).

Através dessa afirmação, destacamos que no discurso midiático prevalece a vontade da mídia de publicar apenas o que se deseja, em um espaço público. Castells (2009) afirma que o poder é mais do que comunicação e a comunicação é mais do que o poder. Mas o poder depende do controle da comunicação, assim como o contra poder depende do rompimento desse controle. Desse modo, a análise das relações de poder exige uma compreensão da especificidade das formas e processos da comunicação socializada. Por possuir esse poder, usando um discurso persuasivo, controla e determina a forma de pensar de seus interlocutores através da disseminação de representações sociais específicas, por exemplo, a narrativa da violência que prende atenção do público e provoca tomada de posicionamento emotivo dos sujeitos.

Mídia e violência: a construção da narrativa

Violência é toda a forma de agressão física, verbal ou psicológica contra outra pessoa, causando algum dano ou intimidação moral. Esse comportamento pode invadir a liberdade, integridade física ou psicológica da vida do outro. Assim sendo, o racismo e a xenofobia são tipos de violências que destacamos aqui como ações sofridas por imigrantes haitianos no Brasil.

Querino (2015), coordenadora de Direitos Econômicos do ONU Mulheres Brasil e Cone Sul, conceitua racismo como um fenômeno ideológico que se manifesta de distintas formas e que preconiza a hierarquização dos grupos, atribuindo a alguns deles, valores e significados sociais negativos, justificando seu tratamento desigual.

Delacampagne (1990) exemplifica e amplia a conceituação sobre o racismo e de seu uso metafórico.

O racismo, no sentido moderno do termo, não começa necessariamente quando se fala da superioridade fisiológica ou cultural de uma raça sobre outra; ele começa quando se alia a (pretensa) superioridade cultural direta e mecanicamente dependente da (pretensa) superioridade fisiológica; ou seja, quando um grupo deriva as características culturais de um grupo dado das suas características biológicas. O racismo é a redução do cultural ao biológico, a tentativa de fazer o primeiro depender do segundo. O racismo existe sempre que se pretende explicar um dado status social por uma característica natural. (DELACAMPAGNE, 1990, p. 85-86)

Xenofobia e racismo são dois conceitos distintos, porém muitas vezes se manifestam em atitudes semelhantes de discriminação em relação a alguém. Xenofobia é um termo utilizado para designar o medo patológico ou aversão de estrangeiros, sem motivos justificáveis. Atualmente, o termo é utilizado, também, para casos de preconceito, discriminação ou violência física contra estrangeiros.

Freire e Carvalho (2008), afirmam que atualmente é recorrente na mídia, notícias sobre vários tipos de violência, cujo processo de “dramatização/interpretação” de abordagem constrói percepções dominantes sobre a violência, “forjadas/disseminadas” em nosso cotidiano.

A mídia é atualmente um dos mais importantes instrumentos sociais, no sentido de produzir esquemas de significação e interpretação do mundo. Os meios de comunicação nos indicam o que pensar, o que sentir, como agir. Eles nos impõem certas questões e nos fazem crer que estes é que são os problemas mais importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar. Este instrumento forja determinadas formas de existência que não apenas possuem papel efetivo no incremento da violência, como também representam uma das expressões da mesma (FREIRE; CARVALHO, 2008, p. 156).

Sendo assim, neste artigo, por meio da análise da narrativa de textos midiáticos e entrevistas com relatos dos próprios imigrantes haitianos que falam sobre os casos de violência racista e xenofóbica, nos possibilitam uma compreensão do sistema de representações e visões da realidade, uma vez que as narrativas midiáticas reforçam posturas e promovem posicionamentos que não consideram o outro com direitos e como sujeitos históricos.

Mídia e a repercussão da violência contra os imigrantes haitianos

A mídia é grande influenciadora de opinião e tem o poder de decidir que tipo de notícias e assuntos devem circular na esfera pública, limitando ou excluindo várias informações aos receptores. Mas, é preciso ressaltar que os receptores têm sido protagonistas na busca de informações, tencionando as informações recebidas. Procurando na internet outras opiniões sobre o mesmo assunto debatido nas emissoras de televisão e nos jornais impressos.

Sendo assim, sabe-se que os imigrantes haitianos convivem com atos de violências verbais e até físicas diariamente. Porém, as matérias que relatam esses casos de violência são tímidas, ganham, sim, repercussão quando ocorrem vítimas fatais. Nesses casos, os usuários das mídias sociais compartilham as matérias, comentam, de modo que haja mais envolvimento e visibilidade nos casos, também, de forma pejorativa.

Em nossa metodologia, buscando compreender essa interação multimidiática do receptor com o discurso da mídia, analisando o jornal online e, para entendermos o discurso veiculado na mídia, coletamos entrevistas com haitianos sobre atos de violência sofridos em suas rotinas cotidianas.

Desta forma, a reportagem online analisada é do jornal Olhar Direto, sediado em Cuiabá/MT, com acesso de 170 mil leitores. A reportagem trata sobre uma investigação policial. As autoridades policiais investigam um haitiano acusado de tentativa de assassinato contra o marido de sua própria prima. A ação policial foi filmada e o vídeo foi anexado à reportagem, que teve mais de 280 visualizações no site Youtube³. Foi registrado pelo repórter do site Olhar Direto, e mostra apenas o haitiano sendo levado do Shopping Pantanal, em Cuiabá, e conduzido pela Polícia Civil até Central de Flagrantes.

A narrativa se desenrola, sob a perspectiva dos policiais e de suas ações, sem mencionar as razões que levaram o haitiano a realizar tal atitude, fazendo com que em toda a narrativa o leitor tenha uma interpretação de que o imigrante já está condenado, no final da matéria, o autor explica que o haitiano foi liberado pela polícia. *“O delegado responsável pelo caso Jeferson Dias, explica que foi necessário o auxílio de um tradutor de francês para que o depoimento de Richard(imigrante haitiano) fosse colhido. Após ser interrogado, ele foi posto em liberdade”*. É possível destacar, também, nesta reportagem, um desinteresse sobre a imigração haitiana e a vida do haitiano.

Os comentários nos vídeos são os mais diversos. Alguns se posicionam contra e outros a favor, de modo que a atividade espetacularizada da ação policial ganha repercussão. Um dos leitores, a favor da ação policial, comenta que: *“Esse delegado Jefferson Dias é um gentleman.”*

Outro leitor, aparentemente contra a ação, comenta sobre o vídeo: *“Coitado do haitiano. Deve ter sido abordado apenas porque é negro. Porque se foi solto logo em seguida nem precisava dessa abordagem. Atos racistas estão cada vez mais acontecendo.”* Ações assim, ganham repercussão porque o cenário midiático está propício, uma vez que já se condena antes de investigar e punir, como exemplificado nesta matéria.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WMC-V1uj8w0>>

Figura 3: Condução coercitiva feita em shopping Pantanal



Fonte: Jornal OlharDireto⁴

Na internet as informações se disseminam de forma rápida para vários receptores, isto é um ponto preocupante quando se trata de distorção ou da falta de informação sobre o acontecimento narrado, resultando com que a atitude dos leitores e seus comentários tenham o mesmo teor e sejam reproduzidos com discursos negativos em relação aos imigrantes. Recuero (2009), acrescenta sobre a facilidade dessas interações se espalharem para diversas plataformas online:

As interações entre atores sociais podem, assim, espalhar-se entre as diversas plataformas de comunicação, como, por exemplo, em uma rede de blogs e mesmo entre ferramentas, como, por exemplo, entre Orkut e blogs. Essa migração pode também auxiliar na percepção da multiplexidade das relações, um indicativo da presença dos laços fortes na rede (RECUERO, 2009, p. 34).

⁴ Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=432702¬icia=policia-investiga-haitiano-acusado-de-tentativa-de-assassinato-video_>

Sobre esse posicionamento, ao articular com os conceitos teóricos, Gastaldo e Brittos (2006, p. 127) explicam que a atitude do jornal é realizar a passagem do processo de transformação dos fatos sociais em fatos jornalísticos, que envolve toda uma técnica que, como tudo, não é neutra, ou seja, envolve seleções, cortes, descartes, inversões, relações e desconexões, dentre outras medidas.

Os haitianos vêm para o Brasil em busca de oportunidades para recomeçar a vida e se deparam com ações preconceituosas, mesmo achando que o Brasil, por ser um país com predominância de negros, não se tem atos de racismo e preconceito. Entretanto, a partir da análise, percebemos que a repercussão que as notícias tiveram, através do Feedback dos leitores nos comentários da matéria, identificamos a intolerância de parte da população brasileira em aceitar a presença dos haitianos no país.

Percebemos, também, que a notícia possui uma narrativa assistencialista, haja vista que o discurso da reportagem procura mostrar o auxílio aos imigrantes, atendendo necessidades individuais que tenham caráter de ajuda, como por exemplo as oportunidades de emprego para conseguirem dinheiro para sua sobrevivência, deixando de lado um discurso que de fato, os imigrantes, trabalham, consomem e contribuem com a economia e o desenvolvimento do local.

Haitianos narram as situações de violência

Mimoune⁵, 31 anos, deixou no Haiti a mãe e dois irmãos para tentar uma vida melhor no Brasil, há dois anos e meio. Lá, ele trabalhava em um mercado. Já no Brasil, trabalha no setor de serviços gerais. Foi contratado por uma empresa que presta serviços à prefeitura de São Borja, no Rio Grande do Sul. O haitiano Mimoune diz que:

Percebo que me olham diferente todo o tempo. Às vezes não sabem como falar comigo e não sei se é pelo meu idioma ser diferente ou pela minha cor de pele. Já fui chamado de 'negrinho' enquanto estava trabalhando.

A narrativa depreciativa e preconceituosa também ocorre com Wakine. Ele tem

⁵ Tivemos autorização para o uso do primeiro nome.

35 anos de idade e está há três anos no Brasil. No Haiti, ficaram sua esposa e seus dois filhos. Sobre a profissão desenvolvida no país de origem não é a mesma que desempenha aqui. Atualmente ele é um trabalhador informal. Vende aparelhos eletrônicos e acessórios para celulares e *tablets*, na área central da cidade.

Os dois haitianos que residem na cidade de São Borja, relatam casos de violência sofrida por eles e por amigos. Wakine conta que se decepcionou com a crise política e econômica no Brasil e com a falta de reciprocidade do país. Ele comenta que nunca sofreu nenhum ato de violência, mas conhece outros imigrantes haitianos que sofreram:

Um amigo meu que morava em Porto Alegre foi agredido e chamado de 'macaco' enquanto estava entrando no banco. Foi do nada e por nada. Ele não estava fazendo nada. Eu tinha conhecidos que me falaram que aqui no Brasil tinha muito emprego. Vim pra cá e aqui é igual o meu país. Sem oportunidade de emprego e para viver. Faz 3 anos que vim pra cá e quero muito ir para outro país. Já conheci 10 cidades do Brasil e todas são iguais: sem espaço para nós.

Compreendemos que a violência contra os imigrantes se manifestam de diversas formas: agressão verbal e física. Observamos, com maior destaque, a violência verbal, ação presente no cotidiano dos haitianos. Tendo a discriminação étnico-racial a mais contundente, conduzindo-a para a xenofobia. Verificamos que a violência verbal se apoia nos gestos de humilhação, nos xingamentos, nas ofensas e nos constrangimentos. Por sua a agressão física, ocorreram ao menos em seis estados brasileiros: MT, SP, PR, MG, RJ e RS, alguns com vítimas fatais.

As narrativas que são divulgadas nos jornais e sites de notícias sobre os casos de violência ainda são poucos, mas isso não quer dizer que não exista. É uma pauta que ganha repercussão negativa, uma vez que compromete também as relações bilaterais e põem em alerta os imigrantes que estão escolhendo o Brasil para recomeçarem a vida. A falta desse espaço nos meios de comunicação, fazem com que os haitianos não tenham onde se expressar sobre estes casos que fazem parte do seu cotidiano. Destacando a relevância da repercussão para a população brasileira perceber as dificuldades que os imigrantes haitianos passam na realidade cotidiana, apenas por terem como projeto de vida, uma oportunidade para melhorar suas condições socioeconômicas, bem como a dos familiares que ficaram em seu país de origem.

Conclusão

Com a ampliação da violência nas cidades, contra os imigrantes haitianos, por questões como xenofobia, racismo, entre outras, percebemos que ainda é difícil encontrar matérias e reportagens que relatam esses acontecimentos, fazendo, muitas vezes, com que esses atos de violência física não existam no contexto brasileiro. Por meio da análise da reportagem do jornal Olhar Direto e das entrevistas que realizamos com os imigrantes, identificamos aqui, não só o discurso sobre a violência racista e xenofóbica que está presente na rotina dos imigrantes haitianos que residem no Brasil, mas também como esses casos se materializam nas reportagens, como também de que forma os jornais, procuram relatá-las.

Apesar de poucas reportagens sobre o assunto, numa análise criteriosa dos discursos, se pode perceber que o mesmo têm o intuito de reforçar a crença de que aquilo que foi dito sobre a violência aos imigrantes haitianos, contribuindo para a construção de uma visão de sociedade que pode entender o outro com suas diferenças e o aceitar como seres humanos com direitos.

Por fim, as reportagens e as narrativas dos haitianos evidenciam a necessidade de contextualização histórica dos fluxos migratórios no Brasil, uma vez que em sua própria constituição, o país está propenso a acolher migrações externas e internas, mas para isso, é preciso que se respeite o outro na sua integralidade, como sujeitos de direitos e com potencial para contribuir com o desenvolvimento sociocultural e econômico.

Referências

AMORIM, Paulo Henrique. **O quarto poder**. São Paulo: Ed. Hedra, 2015.

BRITTOS, Valério C; GASTALDO, Édison. **Mídia, poder e controle social**. Rio Grande do Sul: Alceu, v.7 - n.13 - p. 121 a 133, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

DELACAMPAGNE, Christian. "**Racism and the West: from praxis to logos**". In: David Theo Goldberg, org. *Anatomy of racism*. University of Minnesota Press, 1990, p. 85-6.

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia**: teoria e práxis dos meios de comunicação. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011. Pp. 41-69.

FREIRE, Silene de Moraes; CARVALHO, Andreia de Souza de. *Mediatização da violência: os labirintos da construção do consenso*. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v.7, n. 1, p. 151-164, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Psicologia, subjetividade e mídia**. In: FURTADO, Odair. (Org.). *II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia*. Recife: Ed. Universitária, v. 1, p. 29-34, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Bahia: Novos Estudos, CEBRAP, 1995, p. 26-44.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. **Tese (Doutorado em Antropologia Social)** – PPGAS, Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

QUERINO, Ana Carolina. **Violência e Racismo**. Publicado em: 2015. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>>. Acessado em: 21 de março de 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. Faculdade do Vale do Ipojuca - FAVIP.

SOUZA, Natália Maria Félix de. **Mídia e poder**: uma perspectiva pós-positivista sobre o caso do Haiti. Unesp/Franca. End. eletrônico: 2009.

STEINBERGER, Margareth Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia**: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: EDUC; Fapesp: Cortez, 2005.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.